

Defesa da floresta: modo de usar

MIRIAM LANGENBACH*

A respeito do projeto de lei da prefeitura (plc11/97) que está tramitando na Câmara dos Vereadores, que permite a construção de condomínios horizontais nos morros cariocas, acima da cota 60 metros:

Saber que a maior floresta urbana do mundo corre risco corta o coração. Saber que a capital planetária da ecologia, certamente uma das cidades mais bonitas da terra, especialmente a partir de seu relevo acidentado e ainda coberto por florestas, está prestes a se descaracterizar, corta o coração, assim como prever as conseqüências no clima, enchentes e na qualidade de vida em geral. E corta o coração ver como nós, população da cidade, estamos despreparados para defendê-la.

Será que estamos preocupados com este patrimônio ambiental e social da maior importância, que precisa permanecer intacto? Onde estão os pais preocupados com o futuro de seus filhos? Até que ponto entendemos maternidade e paternidade como cumprimento de rituais de presentes, atendendo às várias requisições de consumo, ficando a preocupação com os legados mais permanentes e qualitativos em segundo, ou melhor, em último plano? Esse tipo de participação partilhada com os filhos certamente os deixará mais esperançosos e seguros de que tem alguém cuidando deles e de seu futuro próximo. Em breve terão que recuperar em dobro aquilo que nós lhes deixamos. No caso de nossa cidade parece cada vez mais certa uma selva de pedra. Nós, pais, nos sentiremos melhor fazendo nossa parte em prol de um segmento silencioso e indefeso de nossa cidade.

Onde estão os que gostam de caminhar nas Paineiras, nas trilhas das florestas, os que fazem

seu footing, tem seu lazer? E os grupos ecológicos, o ecoturismo? Os que gostam de visitar a floresta em dias de calor, dela retirando frescor e novo ânimo? Nossa postura predominante em relação a este lindo verde que nos cerca é a de usuários de algo que está aí e que naturalmente estará. Não nos damos conta de que para que isso esteja aí, teremos que estar atentos, opinativos, interativos, teimosos, insistentes. Nosso hábito de consumidor não nos deixa ver que a floresta – e a natureza em geral – grita por um vínculo maior que inclui cuidados em vários níveis. Basicamente cuidados no sentido de mantê-la limpa, replantada, e defendida do tipo de ataque que está se armando neste momento, que coloca em risco sua vida.

A percepção de que temos que ser continuamente vigilantes para os destratos que se voltam contra os humanos, e do mesmo jeito contra os não-humanos – a floresta no caso –, ainda existe muito precariamente. A floresta não tem voz para se defender. É verdade que participar envolve uma busca árdua, já que esse tipo de espaço parece todo mapeado por instâncias burocráticas federais, municipais, estaduais, unidades que dispensam nossas opiniões ou desejos. Mas teremos que nos organizar, sair da postura passiva de consumidor, que recebe um produto pronto. Sua opção é usá-lo ou não. As conseqüências de seu uso não entram em questão. O compromisso que o uso envolve não parece ser um tema. Nessa situação da floresta isso fica muito visível. Onde estão os educadores, que tanto falam das florestas, ensinando através dos livros a importância das árvores e do meio ambiente, mas que neste tipo de momento parecem tão distantes? Importante lembrar-se das idéias do filósofo Felix Guattari, que mostrava como os cuidados com o meio am-

biente físico, social e pessoal fazem parte do que deve ser entendido como ecologia. Assim como estamos permitindo a mortandade da população humana – os meninos de rua, os mendigos e muita gente mais –, do mesmo modo estamos fazendo em relação a nossas florestas e nossa Baía de Guanabara, e junto com isso vamos também nos decompondo como pessoas, pela inércia e desesperança. Aprender a cuidar desses três níveis – o subjetivo, o social e o físico – supõe os mais diversificados tipos de ação junto com o desenvolvimento da sensibilidade, que deverão estar mais presentes no cotidiano escolar. Esse tipo de aprendizado torna-se cada vez mais importante para a formação de novas gerações aptas a enfrentar os desafios que as aguardam.

As formas de participação são muitas e todas árduas, porque exigem continuidade, paciência e rigor. Encaminhar ações judiciais, fazer passeatas, organizar seminários, escrever pareceres técnicos, artigos ou cartas, discutir em sala de aula, reunir-se, conversar com os filhos, nada disso é fácil. Envolve caminhar em grupos de diferentes tamanhos, e tendências. Ouvimos muito e termos que falar. Muitas iniciativas chatas e trabalhosas. Algo desgastado neste final de século caracterizado pelo cada um por si.

Neste momento, a partir do decreto que substitui áreas florestais preservadas por condomínios para classe média alta, se torna vital uma prática que envolva a revisão de posturas e comportamentos. Somente a partir da organização da sociedade civil conseguiremos reais vitórias.

* Professora do Departamento de Psicologia e coordenadora do Programa de Vídeo Ecológico PUC/Rio.

INSTITUTO	Docum. Origem
EMENTAL	
Folio	11/9/98
Data	9
Class	580